

4 CABEÇAS: UMA REPORTAGEM INVESTIGATIVA NOS BASTIDORES DO PROGRAMA “A LIGA”¹

Rachel PADOVAN²

Marina LA SELVA³

Igor José Siquieri SAVENHAGO⁴

Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto, SP

RESUMO

Trata-se de um livro-reportagem sobre os bastidores do programa “A Liga”, exibido na TV Bandeirantes. Pretende-se discutir se existe uma forma de jornalismo que pode ser chamada de “investigativo”, diferenciando de outros tipos, ou se qualquer prática jornalística já traz acoplada a exigência de que deve ser investigativa. Outra proposta é fazer uma ponte entre modelos de jornalismo classificados como investigativo utilizados atualmente na TV brasileira com o praticado nas décadas de 50 a 60, quando o gênero teria surgido na telinha. O programa “A Liga”, o fio condutor para o livro, foi criado pela produtora argentina *Eyeworks* e contava, em 2011, com quatro repórteres, encarregados de fazer coberturas diferentes para um mesmo tema. As autoras participaram da gravação de uma reportagem e complementaram com análises de episódios e entrevistas em profundidade.

Palavras-chave: investigativo; jornalismo; programa; televisão; temas sociais.

1 INTRODUÇÃO

O jornalista Caco Barcellos, apresentador do “Profissão Repórter”, da TV Globo, acredita que todo jornalismo é investigativo, ou seja, demanda apuração bem feita das informações, o que já caracteriza a profissão como investigativa.

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade Livro-reportagem.

² Aluna-líder e estudante, em 2011, do 8º semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, e-mail: rachelpadovan@hotmail.com

³ Estudante, em 2011, do 8º semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, e-mail: marinalaselva@hotmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, e-mail: tatigor.sav@gmail.com

Tem gente que quando fala em jornalismo investigativo pensa em denúncia. Eu acho que não. (...) Qualquer matéria que eu vá fazer, a cobertura do Paul McCartney, por exemplo, envolve uma postura ativa do repórter ou investigativa, como muitos preferem dizer, seja para elogiar o Paul McCartney ou falar da estrutura do show. Digamos que há um risco de desabar o Engenhão, porque houve uma obra superfaturada, que venderam produto de má qualidade dizendo que era de primeira qualidade. Isso tem que ser dito. Isso pode envolver, mesmo num show, a investigação, e mesmo para elogiar o McCartney isso precisa. Será que ele merece esse elogio? Por que você está elogiando? Por que ele vendeu tantos livros e discos? Ele realmente vendeu? Qual a prova que você tem de que ele vendeu isso? Você foi lá no CTRL C e CTRL V ou realmente apurou? (BARCELLOS, 2011)

Opinião parecida tem o professor Antônio Cláudio Brasil (2007), da Universidade Federal de Santa Catarina, autor de livros sobre o assunto, entre eles “Antimanual de Jornalismo e Comunicação”, em que fala sobre procedimentos considerados inadequados para a prática da profissão, especialmente em televisão. Para ele, “todo jornalismo é investigativo por natureza. Mera questão de aprofundamento dessa investigação”.

Para o jornalista Rubens Zaidan (2011), de Ribeirão Preto, que já trabalhou em vários veículos da imprensa nacional, entre eles as TVs Globo e Cultura e o jornal O Estado de São Paulo, também não deveria haver essa preocupação em classificar uma postura exigida a todos os profissionais de imprensa como algo exclusivo de um jornalismo tido como investigativo. Ele explica que essa denominação – jornalismo investigativo – ganhou espaço no Brasil após a ditadura militar, em que o país passou por um processo de redemocratização. O receio dos veículos de comunicação de que um período ditatorial pudesse retornar à cena fez com que muitos de seus proprietários começassem a cobrar o “exercício da cidadania e o respeito à Constituição”. (ZAIDAN, 2011)

Zaidan, em sua análise, lembra que reportagens com perfil investigativo existem desde o início da profissão, por se tratar de uma “decorrência natural do jornalismo”, enquanto o termo “jornalismo investigativo” só ganhou força com o término do período militar. Ressalta que assuntos como combate a corrupção, defesa dos direitos humanos, procura de verdades abafadas por interesses escusos e o combate ao crime organizado passaram a fazer parte de uma categoria rotulada como jornalismo investigativo, mas, na sua visão, não justificam integrar uma modalidade específica.

Para embasar seus argumentos, ele usa uma recomendação exigência da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, criada em 2002, que classifica o jornalismo investigativo como “sinônimo de jornalismo responsável, informações bem apuradas, com todos os lados ouvidos. Em resumo, reportagens que abordem de maneira extensiva um

determinado assunto”. Para Zaidan, essas exigências compõem o *modus operandi* de toda a imprensa e não apenas de um tipo de jornalismo tido como investigativo.

Já para a jornalista e professora Ingrid Gomes (2011), doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, é possível falar numa categoria específica chamada jornalismo investigativo. Ela diz que, apesar de a discussão ser polêmica, o jornalismo investigativo se diferencia de outras modalidades pelo processo de trabalho, que inclui os métodos de pesquisa, tempo disponível para a produção das reportagens e formato do texto, com linguagem e extensão específicos, além da necessidade de maior criatividade por parte do repórter ao trabalhar uma informação.

Alguns importantes teóricos do estudo dos gêneros jornalísticos afirmam que o jornalismo investigativo é por essência apenas jornalismo. Mas, diante das novas rotinas de produção da atual redação jornalística, o que se vê é um jornalismo investigativo sendo praticado casualmente, ou mesmo oportunamente pelas empresas de comunicação. Fato que intensifica a legitimação de um jornalismo diferenciado, ou literário ou investigativo, que são diferentes. (GOMES, I., 2011)

Na obra “Os novos escribas” (2010), de Solano Nascimento, ganhador do prêmio Esso de Jornalismo de 2010, na categoria “Melhor contribuição à imprensa”, o autor afirma que o jornalismo investigativo pode ser chamado hoje de “jornalismo sobre investigações”, já que, segundo o autor, os profissionais de imprensa têm se dedicado, muito mais, a publicar reportagens sobre descobertas feitas por policiais, promotores, procuradores e outras autoridades do que descobrir, por eles mesmos, informações exclusivas. Por isso, de acordo com Nascimento (2010), o que poderia ser chamado de jornalismo investigativo foi reduzido a um jornalismo sobre investigações, tendo em vista que o repórter se dedica, somente, a relatar e trazer para a mídia as investigações feitas por outras pessoas, que não jornalistas.

Ao jornalista, segundo ele, caberia, apenas, a missão de ter acesso aos dossiês, relatórios e imagens produzidos por quem investigou a informação. O repórter, portanto, não participa da investigação. É só alguém que divulga o que foi investigado. O autor entende que, dessa forma, o jornalista pode ser manipulado pela fonte, já que deve acreditar no que ela diz e nos documentos apresentados. “Há uma grande diferença entre descobrir uma irregularidade e descobrir que alguém descobriu uma irregularidade”. (NASCIMENTO, 2010, p. 4)

2 OBJETIVO

Diante disso, este livro-reportagem, desenvolvido em 2011 e apresentado em dezembro do mesmo ano como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ao Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário Barão de Mauá, em Ribeirão Preto/SP, é uma tentativa de compreender de que forma o jornalismo investigativo é visto especificamente na TV brasileira, tendo com foco o programa “A Liga”. A proposta foi fazer uma grande reportagem nos bastidores do programa, exibido, até o final do ano passado, quando o livro foi concluído, nas noites de terça-feira na TV Bandeirantes. Com isso, discutir o jornalismo investigativo na televisão brasileira, por meio de uma ponte entre um modelo atual, classificado pelos próprios membros como investigativo, e o início do gênero na TV, no final da década de 50 e durante a de 60, por meio do jornalista Saulo Gomes, considerado por muitos estudiosos de comunicação o precursor do jornalismo investigativo de televisão no Brasil. Dentro dessa proposta, autores acadêmicos e profissionais do mercado foram ouvidos sobre algumas questões frequentes nas universidades: existe um tipo de jornalismo que pode ser chamado de “investigativo”, o que o diferenciaria de outros, não investigativos? Ou toda prática jornalística já carrega essa característica de, por si só, ser investigativa, já que toda reportagem demanda investigação durante o seu processo de produção?

3 JUSTIFICATIVA

O tema foi escolhido, primeiramente, por causa dos questionamentos gerados, tanto no meio acadêmico como entre os profissionais do mercado, e da escassez de bibliografia que discuta o tema sobre a perspectiva abordada neste trabalho. A opção por “A Liga” se justifica porque o programa aceitou abrir as portas para que as autoras pudessem ficar próximas de uma rotina de gravação, necessária para o desenvolvimento do livro-reportagem. Segundo, porque propõe quatro abordagens para um mesmo tema, diferente de outros vários programas jornalísticos da televisão brasileira, em que, geralmente, é priorizada a visão de um único repórter. Terceiro, porque o programa é recente – estreou em 2010 – e é baseado num modelo argentino, o que também pode despertar o leitor para uma reflexão sobre o fato de programas da televisão brasileira se basearem em programas de outros países. E, por último, porque é visto como um programa de “investigação

jornalística” pelos próprios profissionais envolvidos, por outros jornalistas e até por parte do público, o que pode ser notado nos próprios episódios e em manifestações sobre o programa que circulam na *Internet*.

“A Liga” começou a ser exibido em maio de 2010, com uma primeira temporada, que durou oito meses. Em março do ano seguinte, iniciou-se a segunda temporada, que terminou no final de 2011. Somando-se as duas temporadas, o número total de episódios chegou a 70.

O programa é uma adaptação do formato do argentino *La Liga*. Foi trazido para o Brasil pela produtora também argentina *Eyeworks*, que responde por outros programas exibidos na TV Bandeirantes, como CQC (Custe o Que Custar), Polícia 24h e Agora é Tarde. A parceria funciona da seguinte maneira: a Bandeirantes compra uma quantidade de horas anuais de produção (no caso de “A Liga”, o contrato é estipulado por número de episódios). Apenas a veiculação fica a cargo da emissora. Toda a produção é independente, feita pela *Eyeworks*.

Entre as principais características de “A Liga”, estão a presença de quatro repórteres (até o final de 2011, eram Rafinha Bastos, Thaíde, Sophia Reis e Débora Villalba), já que um dos objetivos do programa é abordar um mesmo assunto sob visões diferentes; aproximação com as fontes, o que é feito sem um roteiro totalmente definido, já que o direcionamento de cada reportagem é estipulado de acordo com a realidade encontrada nas ruas; além de temas de cunho predominantemente social, como prostituição, trabalho escravo, *crack*, tabagismo, tribos urbanas, entre outros. Segundo a direção do programa, o objetivo é, com isso, explorar os temas ao máximo, trazendo tanto o olhar do repórter, que se envolve com o assunto abordado, como o das fontes e o do próprio telespectador, procurando provocar uma reflexão aprofundada sobre os problemas mostrados.

Observando “A Liga”, foi possível fazer uma ponte entre o chamado jornalismo investigativo produzido na TV do país hoje e o iniciado por Saulo Gomes nas décadas de 50 e 60. Saulo tem 82 anos e ficou conhecido no país pelas coberturas sobre o médium Chico Xavier. Sua carreira começou em 1956, ano em que obteve a primeira colocação num concurso para repórter da Rádio Continental, disputado por mais de 200 candidatos. Até hoje, é considerado por muitos pesquisadores e profissionais da imprensa um dos repórteres mais experientes do país neste campo do jornalismo.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para a realização dos objetivos propostos, as autoras deste livro-reportagem estiveram presentes na gravação de uma reportagem do programa “A Liga”, na capital paulista. Acompanharam desde fases da produção, como orientações passadas para um repórter nas ruas e a abordagem dos entrevistados, e entraram na redação, para entender como funciona a roteirização e a edição de cada episódio.

Além disso, as autoras ouviram, por meio de entrevistas em profundidade do tipo aberta e semiaberta – segundo classificação proposta por Duarte (2005) –, fontes que analisaram o contexto do jornalismo investigativo no Brasil, o que permitiu fazer uma ponte com o início do gênero da televisão brasileira, bem como aspectos específicos do programa “A Liga”. O tipo aberta, de acordo com Duarte (2005), permite aprofundar aspectos do assunto abordado sem prévio roteiro, já que as perguntas vão sendo definidas na hora da entrevista, para que as respostas do entrevistado possam ser esmiuçadas. Já a semiaberta consiste em listar alguns tópicos que podem ser abordados com a fonte, a partir dos objetivos do trabalho e, aos poucos, de acordo com as respostas, ir aprofundando o assunto, com novas perguntas sendo elaboradas. Esse tipo foi usado nas situações em que as entrevistas foram feitas por e-mail, devido à impossibilidade de encontro com a fonte. Com base nas respostas recebidas, outras perguntas eram enviadas, até que as dúvidas fossem dirimidas.

Um fala-povo, que, em linguagem jornalística, se refere a opiniões curtas dadas pela população – neste caso específico, telespectadores de “A Liga” – além de obras de autores que, em seus estudos acadêmicos, abordam o jornalismo investigativo foram utilizados para complementar o estudo presente no livro.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Todo o livro foi produzido tomando como base o número 4 – que representava a mesma quantidade de repórteres do programa –, partindo do título, “4 Cabeças”, mantendo-se no número de fotos da capa, de capítulos do livro (também num total de quatro) e das subdivisões dos capítulos (cada um é dividido em quatro tópicos).

Além disso, cada capítulo representa uma das fases de produção do programa. O primeiro, “Na rua”, aborda, em uma narrativa detalhada e coloquial, a reportagem da qual

as autoras participaram em São Paulo, uma maneira de atrair o leitor para o restante do livro. O segundo, “Na Redação”, trata da estrutura por trás das câmeras, de como funciona o processo de definição de pautas e edição. Já o terceiro, “Na telinha”, consiste numa abordagem e descrição de quatro episódios que estão entre os maiores índices de audiência do programa ou que são reconhecidos por próprios profissionais do programa como alguns dos que obtiveram repercussão maior junto aos telespectadores, buscando com o que o leitor do livro se familiarize com o programa. E o último, “Na Universidade”, tem a participação de pesquisadores, autores e profissionais renomados do mercado, que opinam sobre questões envolvendo o jornalismo investigativo e sobre o próprio “A Liga”, elementos que, juntos, contribuíram para a confecção do produto final, este livro. Este capítulo também faz referência ao fato de o programa ter sido trazido para estudos no meio acadêmico, pelas autoras deste trabalho, consolidando a participação delas não só como pesquisadoras, mas como repórteres de uma grande matéria investigativa, fechando quatro visões sobre o tema escolhido, à semelhança do que é feito em “A Liga”.

O livro-reportagem tem 178 páginas, com o formato 14 x 21 (14 cm de largura por 21 cm de altura), escolhido em consenso entre as autoras e o orientador do projeto, que concordaram que as medidas se adequariam melhor à impressão considerando a estrutura das gráficas disponíveis na cidade. O livro foi definido, ainda, com capa e contracapa coloridas, mas com a cor preta em destaque, já que é uma das mais valorizadas em “A Liga”, o que, conseqüentemente, fez com que as fotos, tanto da capa quanto internas, fossem impressas em preto e branco. A tiragem inicial do livro foi de 30 exemplares, distribuídos para a banca examinadora do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), entrevistados, orientador e amigos e familiares das autoras.

Para elaborar o prefácio, foi convidada a jornalista Rosana Zaidan, de Ribeirão Preto, diretora-executiva do Jornal A Cidade, impresso, mas que tem mais de 20 anos de experiência em televisão, tendo sido produtora, editora e editora-executiva da EPTV-Ribeirão, afiliada Rede Globo também em Ribeirão Preto. Mesmo sendo ligada ainda à EPTV, já que o Jornal A Cidade pertence ao mesmo grupo, ela concordou em escrever, pelos motivos apresentados no prefácio.

6 CONSIDERAÇÕES

Várias das considerações deste trabalho estão presentes, também, na parte final do livro, intitulada “A Quinta Leitura”, já que se julgou desnecessário elaborar dois textos muito diferentes para um mesmo assunto, tendo em vista que precisariam conter um teor bem parecido. Vamos a elas, então:

- Foi possível observar que existem opiniões bem divergentes sobre a existência ou não de um jornalismo exclusivamente investigativo, que se diferenciaria de outros, não investigativos. No entanto, quem defende a existência de uma modalidade específica acredita que a apuração de um tema deve ser aprofundada e o resultado mostrado de vários ângulos diferentes. E quem afirma que todo jornalismo deve ser investigativo tem argumentos parecidos. Em ambos os casos, os profissionais do mercado e pesquisadores acabam pensando de forma parecida.
- O programa “A Liga” é classificado como investigativo por alguns de seus próprios profissionais, entre eles o diretor, Sebastian Gadea. Para ele, “A Liga” tem um formato de investigação porque se diferencia do jornalismo clássico, baseado na estrutura *offs*, sonoras, passagens. Isso representaria para o programa da *Eyeworks* um diferencial, tanto na linguagem quanto na proposta adotada para fazer jornalismo.
- O espaço para o jornalismo dito investigativo na TV brasileira ainda existe, mas não sem aliar os programas à preocupação com a audiência. Mesmo dizendo que não incomodam tanto os índices, o diretor os acompanha e os considera para pensar e estruturar o programa. Por outro lado, essa forma de jornalismo tem mesmo agradado o público, já que a forma tradicional de observar os fatos, com frieza, tem dado lugar ao envolvimento dos repórteres nos assuntos tratados, o que os aproxima do público.
- A escolha do programa como foco desse livro e do jornalismo investigativo como pano de fundo da abordagem feita pelas autoras considerou a possibilidade de que fosse permitido aos leitores elaborar a própria concepção sobre jornalismo investigativo. A preocupação, apesar de confrontar teorias diferentes, não foi encontrar uma definição. Mas permitir ao leitor que ele reflita e que talvez enxergue que o que importa mesmo não é uma resposta para esse embate, mas uma discussão que priorize, sempre, boas produções jornalísticas em prol do interesse público.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELLOS, Caco. **Rota 66: a história da polícia que mata**. São Paulo: Globo, 1997.

BRASIL, Antonio Cláudio. **Antimanual de jornalismo e comunicação**. São Paulo: Senac, 2007.

BUCCI, Eugênio (org.) **A TV aos 50: criticando a televisão brasileira no seu Cinquentenário**. Rio de Janeiro: Perseu Abramo, 2000.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FORTES, Leandro. **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Contexto, 2005.

GOMES, Saulo. **Pinga-fogo com Chico Xavier**. Catanduva: InterVidas, 2009.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 2002.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 2002.

MOURA, Sandra. **Caco Barcellos: o repórter e o método**. João Pessoa: Universitária, 2007.

NASCIMENTO, Solano. **Os novos escribas**. Porto Alegre: Arquipélago, 2010.

SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco; RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **História da televisão no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro. **Jornalismo Investigativo: o fato por trás da notícia**. Rio de Janeiro: Summus, 2005.

Fontes:

BARCELLOS, Caco. Entrevista concedida a Marina La Selva e Rachel Padovan. Ribeirão Preto, 28 de maio de 2011.

BRASIL, Antonio Claudio. Entrevista concedida a Marina La Selva e Rachel Padovan. Via e-mail, 23 de setembro de 2011.

GADEA, Sebastian. Entrevista concedida a Marina La Selva e Rachel Padovan. São Paulo, 18 de agosto de 2011.

_____. Entrevista concedida a Marina La Selva e Rachel Padovan. Via e-mail, 8 de setembro de 2011.

GOMES, Ingrid. Entrevista concedida a Marina La Selva e Rachel Padovan. Via e-mail, 21 de agosto de 2011.

GOMES, Saulo. Entrevista concedida a Marina La Selva e Rachel Padovan. Por e-mail, 19 de julho de 2011.

RONDON, Eduardo. Entrevista concedida a Marina La Selva e Rachel Padovan. Por e-mail, 20 de setembro de 2011.

SOUZA, Fernando de. Entrevista concedida a Marina La Selva e Rachel Padovan. Ribeirão Preto, 31 de outubro de 2011.

ZAIDAN, Rubens. Entrevista concedida a Marina La Selva a Rachel Padovan. Ribeirão Preto, 23 de setembro de 2011.